

entrevista

# MARÍLIA BARBOSA

Renata Castanho

Bonita, simpática, Marília Barbosa é uma atriz que, com 11 anos de carreira artística, apesar de pouco divulgada pela imprensa, dedicou-se com força total ao desempenho de seus personagens, da televisão, como a Ritoca ("A Sombra dos Laranjais"), a Mara ("O Astro") ou do teatro, como a Thaís, na peça em cartaz no Teatro João Caetano, "O Rei de Ramos", de Dias Gomes.

A carreira de cantora, ao contrário do que muita gente pensa, vem de menina, pois aos cinco anos ela já cantava em clubes e comícios. "Com sete anos eu cantei na Rádio Nacional e aos onze eu gravava o meu primeiro disco. Em 1965 eu me profissionalizei e comecei a cantar nos musicais da Tv Globo, que eram os grandes lançamentos da época. Então, eu acho muito engraçado quando leio alguma crítica dizendo que eu sou "mais uma atriz tentando ser cantora".

Na verdade, Marília Barbosa foi, praticamente, a precursora dessa busca de novos mercados e campos artísticos, pois hoje podem ser observadas dezenas de atores e atrizes que já começam a gravar discos. E, antes mesmo de fazer novela, ela já curtia o enorme sucesso de duas músicas gravadas, "Caso Você Case", do Vital Farias e "Uma Rosa em Minha Mão", que logo depois passaram a fazer parte da trilha sonora da novela "Fogo Sobre Terra". "Mas, eu não ligo pra nenhuma crítica, nem a que elogia, nem a que picha. As pessoas têm todo direito de gostar ou não e isso não diz respeito a mim. O que me diz respeito é fazer um trabalho sério e certo."

Depois do enorme sucesso de temporada na Sala Funarte com o cantor Lula Carvalho, no show "Disfarces", Marília se prepara para uma outra experiência — segundo ela, muito enriquecedora — que é a viagem por diversas capitais através do Projeto Pixinguinha, ao lado de Belchior. Isso deve acontecer depois de encerrada a temporada da peça "O Rei de Ramos" — que provavelmente irá até julho, — e do lançamento de um novo elepê.

A entrevista aconteceu no camarim do Teatro João Caetano, enquanto ela se preparava para entrar em cena. Sempre sorridente e afável, Marília conta como está sentindo e convivendo com o personagem Thaís, depois de um mês em cartaz.

— Não tenho dificuldade nenhuma. Nunca houve necessidade de recusar um personagem, porque na verdade, sempre que me escolheram para um papel, era porque as pessoas achavam que eu era adequada àquele tipo de papel. E, de repente eu sinto que eu era realmente adequada, então eu não posso falar em dificuldades de adequação. Esse tipo de problema eu nunca tive. A Thaís é a filha do Mirandão, um bicheiro interpretado pelo Paulo Gracindo. A trama dela se resume na incompatibilidade com a família, até o momento em que, por amor, ela sente necessidade de se tornar compatível com os pais e com a estrutura



"Este ano já está tudo transado"

A Thaís é uma espécie de Julieta à brasileira?

— É, só que uma Julieta que termina bem, entre outras. E termina abraçada ao capitalismo... (risos). Esta é a Thaís.

Como e quando teve início a sua carreira de cantora?

— Eu sempre cantei. Desde pequenina. Quer dizer, como amadora, eu cantei a vida inteira, desde os cinco anos de idade eu cantava em clubes e comícios. Com sete anos eu cantei, pela primeira vez, na Rádio Nacional, mas já havia cantado em outras rádios pequenas, como a Guanabara, a Solimões... Eu cantei muito quando criança. Depois, aos 11 anos, eu entrei para o Clube do Guri. Em 1965 eu me profissionalizei e comecei a cantar na Tv Globo, onde fiquei um ano trabalhando em todos os musicais. Depois parei porque não queria seguir a carreira artística. Eu queria fazer Psicologia e Belas Artes. Mas no final acabei fazendo a Faculdade de Teatro, embora não tenha completado o curso. Eu cantei muito na noite paulista, mas quando me casei, eu parei durante dois anos. E só voltei a cantar em 1975. Profissionalmente, como cantora, o seu

"Eu não ligo pra crítica — elogio ou fale mal..."



elepê, "Filme Nacional", pela Som Livre. Eu gravei o disco enquanto fazia a novela.

Então você aproveitou a popularidade e repercussão da novela...

— Não, uma coisa não tinha nada a ver com a outra... É evidente que o que tinha que ver, é que o pessoal da Som Livre só mostrou interesse em gravar o meu disco porque eu estava aparecendo na novela. Porque até então, eles não mostraram o mínimo interesse em dar algum apoio ao meu trabalho de cantora. Pôxa, e eu já estava nesta gravadora há sete anos e eles só me utilizavam por interesse deles, isto é, eu tinha que fazer trilhas de novelas. Não era ruim porque eu ganhava algum dinheiro com a venda dos discos, mas em termos profissionais não valia nada, porque eles fazem o mercado de música e não o do artista. Eu saí da Som Livre por motivos pessoais e por excesso de falta de consideração. Falta de consideração a gente



deve ter sido muito bom em termos de popularidade, porque você teve a chance de mostrar o seu trabalho, pois cantava em boites...

— É. Isso ajudou realmente. Eu fazia a Mara, uma cantora de boite, e envolvida com marginais e tóxicos. Ela era superagressiva e extremamente passional. Depois do "Astro" eu gravei o meu

trabalho, mas excesso... ninguém é leão. Ah, no fim do ano passado eu fiz uma das melhores coisas de minha vida, que foi o show com o Lula Carvalho na Sala Funarte. Foi fantástico. Um das coisas mais bonitas que já fiz na minha vida profissional. Bonito demais. Havia muito bom gosto musical e o tratamento que a gente deu ficou lindo. A encenação era linda, a direção de Roberto Parreiras era maravilhosa, assim como a Assistência do Wellington de Freitas, que é um grande amigo e um grande profissional. A gente conseguiu fazer um trabalho bellissimo... Foi o meu melhor trabalho de cantora. Depois disso eu fiquei só gravando televisão pra aguentar até a hora de começar a ensaiar para esta peça. Aí foi um horror, porque começaram a suceder umas coisas comigo... Em dezembro eu sofri um acidente de carrão violentíssimo, em que tive um edema cerebral e um deslocamento de bacia. As pessoas são irresponsáveis e as que estão do lado é que pagam não é? E quem pagou fui eu, porque acabei ficando com um deslocamento de bacia de 1,4 cm. Isso me obrigou a fazer uma cirurgia

chegou um momento em que eu fiquei inteiramente torta e sem poder andar. E, em fevereiro eu fui novamente internada no hospital, para a retirada de um ovário e meio, e com isso eu quase não estreio a peça. Mas, apesar das vontades contrárias, eu estou aqui. (risos). Eu gostaria que você falasse um pouco sobre o repertório do seu elepê "Filme Nacional".

— Esse disco me traz tanta amargura... Sabe por que? Eu quis fazer uma coisa que sonhei a vida inteira, porque minha vida sempre foi musical, e o disco ficou deficitário em inúmeras coisas. Ficou deficitário, principalmente, em consideração. Ficou deficitário na parte de arranjos, sem a menor elaboração... E não pude me dedicar muito, porque eu estava fazendo novela, logo ficou por conta das pessoas que tomam a responsabilidade em certos trabalhos e pra cumprir esse trabalho, fazem qualquer coisa. É o tipo chamado "comércio", com arranjos cheios de clichês que já deram certo, mas que não quer dizer que vão dar certo a vida toda. O único trabalho bom e criativo dentro do meu disco é o do Otávio Burnier, além do arranjo que o Egberto Gismonti fez pra mim que ele mesmo tocou com o meu ex-marido, que é contraibaxista, "Coração



"Sou muito relax. A novela está na cabeça dos críticos"



Marília Barbosa tem 29 anos, é desquitada, e nas horas vagas curta o seu filho Maico de sete anos. "E, se Deus quiser, eu vou poder ter mais uns dois ou três filhos, porque eu gosto muito de criança. O Maico não gosta nem de cinema e nem de televisão, mas adora o teatro. E já ganhou milhares de mecenas teatrais".

Candango". As músicas são muito bonitas, como as do Djavan e as do Dom Bemto, mas elas têm um tratamento totalmente errado... coisas chocantemente erradas. A Rita Lee fez uma música muito legal pra mim, mas o arranjo está simplesmente ridículo. Eu chego a ficar nervosa quando ouço. A do Egberto é muito bonita, porém a mixagem é da pior qualidade. E aí você não tem o que fazer, né?

Como você definiria esse seu trabalho?

— Eu sou inteiramente sem definição. Eu não tenho nenhuma definição e não creio que venha a ter algum dia. Eu não vejo necessidade nisso. Eu sou uma pessoa que nasceu pra cantar. Eu me eduquei e mantenho a minha voz com bastante cuidado. Estudei voz, dicção e canto durante muitos anos, logo, toda a carpintaria da minha voz é muito bem transada, no sentido técnico. No mais, eu acho que não tenho nada a definir, porque quando amúsica é legal, eu canto, quando não é, não canto.

Mas você procura algum estilo, em especial?

— Não. Se você deixar por minha conta, eu vou acabar cantando tudo quanto é música romântica. Mas, a música romântica, corre sempre o risco de se tornar triste e eu sou profundamente, exageradamente alegre. Eu tenho um tremendo bom humor, principalmente quando estou trabalhando, porque adoro trabalhar. Então, não condiz com a minha personalidade cantar coisas tristes e, no fim das contas, por exemplo, o meu elepê saiu profundamente triste. E eu como disse, não sou triste. Onde você se encontra mais: no palco como atriz ou no palco como cantora?

— Nos dois modos. Só que eu não posso sentir que uma coisa sufoca a outra. Eu morro de medo se, de repente, tiver que desmanchar o meu trabalho como atriz que vá me impedir de cantar. Eu posso passar mais tempo sem apresentar do que sem cantar. Cantar me faz bem, psicológica e emocionalmente. Mas eu gosto muito de fazer as duas coisas.

Então, você não pensa em se dedicar só à música?

— Não. Seria muito difícil. Muito difícil mesmo. Mais hora menos hora, eu procuraria um trabalho de atriz para fazer. Mas, no momento em que estou fazendo teatro, é impossível fazer um show. A coisa mais fácil é você esperar, fazer uma temporada de teatro e depois uma temporada de música. E gostoso mesmo é fazer o que eu fiz na Funarte. É maravilhoso. O show estava sempre lotado, com mil pessoas curtindo o meu trabalho. É lindo. Lindo demais. E, em setembro eu vou viajar com o Belchior pelo Projeto Pixinguinha para São Pau-

lo, Porto Alegre, Rio, Curitiba, Belo Horizonte e Brasília.

E o que você acha desses projetos, em termos lucrativos?

— Fantásticos. Todos são maravilhosos porque a gente tem tudo financiado. O artista no Brasil encontra muita dificuldade em montar um show, porque é tudo muito caro. Então, se o Governo cedesse os seus teatros, pagasse os direitos ao artista, porque o que tem de empresário picareta... Então o artista recebe o dinheiro certo pro show, passagens, estadia, condição de trabalho, dinheiro para pagar os músicos... é tudo muito certo. Então você vai para fazer as coisas que você nasceu para fazer. Você só vai lá pra cantar e não fica quemando a pestana para saber se no fim da temporada vai ter dinheiro para pagar as dívidas ou para comer.

Sim, e em termos de promoção, popularidade, também, porque os preços são acessíveis às camadas populares.

— Nossa... E você consegue uma popularidade incrível. Por exemplo, a Sala Funarte foi 30 cruzeiros e a casa estava lotada todos os dias. Todos direitos, com propaganda nos jornais, posters ilustrando a cidade... é maravilhoso. Seria tão bom se o Governo desse atenção que o artista merece, promovendo isso o ano inteiro... O Projeto Pixinguinha existe o ano inteiro, mas o artista que faz o primeiro semestre não faz o segundo.

Você não pensa em fazer um show sozinho?

— Este ano não. Falta material?

— Não. É porque este ano já está tudo transado né? Acho que não vou ter tempo de transar um outro show, mas

não sei... a vida da gente é tão esquisita. As coisas surgem de uma hora para outra, graças a Deus. De uma hora para outra muda tudo. De repente, pode ser no final do ano pinte um outro espetáculo.

Marília, eu li uma crítica sobre o seu trabalho na peça "O Rei de Ramos" zendo que você está muito tensa...

— Eu acho muito engraçado pessoas darem opiniões sem conversarem com a gente. Porque eu sou uma pessoa absolutamente "relax", não sou nervosa, o meu coração não acelera, sou até fria demais para essas coisas, né? Eu entro e saio do palco num ritmo, porque eu estou fazendo exatamente aquilo que gosto de fazer. Agora, personagem é profundamente tensa. Thaís é uma pessoa hipertensa, eu não sou. Se depois do espetáculo você for tirar minha pressão, verá que é a mesma, sim como as batidas do meu coração, não vão inalteradas. É mais fácil eu emocionarmos quando estou cantando, ponto de ter um aceleração cardíaca do que falando. Então, eu acho muito engraçado quando as pessoas fazem esse tipo de julgamento. Não tô nem aí pra isso, né? Depois que eu li numa revista que eu era mais uma atriz tentando ser cantora... Aí eu achei ótimo (risos). No meu canto desde que me entendo por coisa alguma, eu não tenho uma porrada de críticas. Acontece é que os críticos e muito mal informados. Mas eu não quero nenhuma crítica, nem a que elogia, nem a que picha. Sabe, você tem todo direito de gostar ou não e isso não diz respeito a mim. O que me diz respeito é fazer um trabalho certo, é me preparar para não errar um texto, não desanimar... isso me diz respeito.

